

farol

Biblioteca Setorial do Centro de Artes – Universidade Federal do Espírito Santo

---

FAROL – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes – número 13 (1999) – Vitória : Centro de Artes/UFES, Inverno de 2015.

Semestral

ISSN 1517 - 7858

1.Artes – Periódicos . 2. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes.

CDU 7 (05)

---

# farol

# FICHA TÉCNICA

“A Revista Farol é uma publicação do programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.”

## **Editores**

José Cirillo

Ângela Grandó

## **Projeto Gráfico**

Vinicius Caus

## **Capa e Editoração**

Vinicius Caus

Rodrigo Hipólito

## **Imagem da capa**

Yuri Barichivich

## **Fotolito e Impressão**

Gráfica Lisboa

## **Editora**

Centro de Artes

Universidade Federal do Espírito Santo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Centro de Artes

Campus universitário de Goiabeiras

Av. Fernando Ferrari, 514, CEMUNI I – Vitória, ES

CEP 29.075-910

lab.artes.ufes@gmail.com

## **Reitor**

Reinaldo Centoducatte

## **Vice-Reitora**

Ethel Maciel

## **Diretor do Centro de Artes**

Paulo Vargas

## **Coordenação do Programa de Pós-Graduação**

Ricardo Costa

## **Conselho Editorial**

Profa. Dra. Almerinda Lopes (PPGA-UFES)

Profa. Dra. Angela Grandó (PPGA-UFES)

Profa. Dra. Cecília Almeida Salles (PUC-SP)

Profa. Dra. Diana Ribas (UNDS, Argentina)

Prof. Dr. Dominique Chateau (Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne)

Prof. Dr. Gaspar Leal Paz (PPGA-UFES)

Profa. Dra. Gisele Ribeiro (PPGA-UFES)

Profa. Dra. Isabel Sabino (FBA-UL)

Prof. Dr. José Cirillo (PPGA-UFES)

Prof. Dr. Luis Jorge Gonçalves (EBA-UL)

Profa. Dra. Maria Luisa Távora (EBA- UFRJ)

Profa. Dra. Maria de Fátima M. Couto (IAR-Unicamp)

Profa. Dra. Monica Zielinsky (PPGAV-UFRGS)

Profa. Dra. Pilar M. Soto Solier (Univerdidad de Murcia, Espanha)

Prof. Dr. Raoul Kirchmayr (Universidade de Trieste, Itália)

Profa. Dra. Teresa Espantoso Rodrigues (FFL-UFBA)

Profa. Dra. Teresa Fernanda Garcia Gil (Universidad de Granada, Espanha)

Prof. Dr. Waldir Barreto (DTAM-UFES)

## Prefácio: O Movimento Ativador

A Revista Farol, publicação semestral vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, chega ao seu décimo terceiro número com um conjunto de textos que demonstra seu compromisso com as diversas frentes de investigação em Teoria, Crítica e História da Arte. Os onze discursos que compõem esta edição apresentam, para além de temática e enfoques variados, a riqueza de diálogos entre disciplinas e campos, que é imprescindível para o avanço das pesquisas em Arte.

Entre a caixa-preta e o cubo branco, *PLAYGROUND: Performatividade da imagem e do espectador moventes: práticas artísticas e curatoriais em campo (palco) aberto*, de Ana Rito, entreve a especificidade do lugar do sujeito deslocado para o teatro da tela. Eis um processo que apresenta imagens moventes e corpos moventes em ambientes ativadores.

Em *Oscilações sobre um quadrado em breves anotações sobre o tempo*, José Cirillo, através de alguns deslocamentos, nos indica que um olhar sobre o tempo coloca o movimento no cerne do processo de criação em arte. “O movimento é gerador. Ativa memória, sujeitos e tempos.” Cada ação, cada corpo, cada objeto, dá continuidade a um presente que não pode acabar.

O corpo que sente, que escuta, não se presentifica em qualquer subjetividade universalista, mas é sim fruto de uma heterogeneidade compositiva. *Dispositivos sonoros e improvisação musical: o processo criativo coletivo e a produção de subjetividade no contexto do projeto Aquarpa*, de Eduardo Nespoli, pensa relações sensíveis dessa ordem. Ao realizar uma atividade, ao interagir com dispositivos, o sujeito adentra num memória coletiva que “dura” no tempo através de movimentos ativadores.

Inserir dinâmicas reveladoras em espaços desgastados pelas batalhas políticas e culturais, muitas vezes esse é o papel assumido pelo processo artístico. Os dispositivos acionados por uma proposta de arte são capazes de gerar movimentos que se sustêm em “território fronterizo”, o que é notável em “*Intemperie*”. *Una poética en el cruce entre el campo y la memoria*, de Diana Ribas. Os resultados das relações são a escuta simbólica e a equalização de um conjunto de vozes tão variado que somente se torna apreensível no palco e cenário apropriados.

Tantas concepções desfocadas, construções que fogem a determinação e a ausência de um sentido único, com que a arte contemporânea nos presenteia, não deixam de nos ser familiares. Em *Motivações coincidentes entre artes e ciências*, de Gaspar Paz, tomamos uma via diversa daquela que pinta o panorama da realidade com planos e hierarquias de campos e disciplinas.

Talvez a assumida certeza de estar dentro de algo maior nos impeça de estipular o afastamento necessário para abarcar com a imaginação “tudo o que simboliza a estabilidade do espaço e a dinâmica do tempo”. *Paisagem: entre o mundo e a cultura*, de Waldir Barreto, nos lembra que a cada movimento ativo daquilo que observa em direção aquilo que é observado, a paisagem deixa de se cristalizar e subsiste como “dinâmica do espaço-tempo”. O movimento ativador é nosso poder de imaginar.

Alguns procedimentos subjetivos envolvidos no trato com a Imagem são marcados por Patrícia Franca-Huchet, em *Estar dentro da Imagem: tactsignos*. Compreendemos, então, como os domínios da visualidade possuem aspectos invisíveis fundamentais para nossas relações com o ato de imaginar. Tanto a expressividade quanto a significação dependeriam de um entendimento de imagem que

se expande para o interior de nosso processo perceptivo.

*Expressões/Atitude*, de João Castro, dispõe esse poder de promoção de uma leitura imaginativa diante das ações expressivas mais sutis. Quais linhas perceptivas e interpretativas erigem a ponte entre o caráter físico das representações de uma face e o “interior” daquele que se expressa através dela?

Como outro lado dessa moeda, ou, como o reverso dessa face, a *Gênese do processo criativo e condição social do escultor na sociedade romana*, de Luís Jorge Gonçalves, pergunta pela representatividade do(s) sujeito(s) ativador(es) de formas numa cadeia produtiva com margens e poder bastante diversos dos nossos.

Diante de tantos romances com instigantes fios soltos, *Os novos desafios do Fim da História*, de Ricardo da Costa, surge como um convite para que nos debruçemos sobre as fontes, sobre os documentos. Pois, manter o empenho na construção de significados é sempre um movimento ativador do qual não se livra a arte.

Por fim, convidamos o leitor para nossas páginas e desejamos uma agradável e gratificante leitura.

Editores.

# SUMÁRIO

- 9** PLAYGROUND: Performatividade da imagem e do espectador moventes: práticas artísticas e curatoriais em campo (palco) aberto  
**Ana Rito**
- 29** Oscilações sobre um quadrado em breves anotações  
**José Cirillo**
- 37** Dispositivos sonoros e improvisação musical: o processo criativo coletivo e a produção de subjetividade no contexto do projeto Aquarpa .  
**Eduardo Nespoli**
- 43** Estar dentro da Imagem: Tactsignos  
**Patrícia Franca-Huchet**
- 53** “Intemperie”. Una poética en el cruce entre el campo y la memoria  
**Diana Ribas**
- 61** Motivações coincidentes entre artes e ciências  
**Gaspar Paz**
- 69** Paisagem: entre o mundo e a cultura \*  
**Waldir Barreto**
- 87** Expressões/Atitude  
**João Castro**
- 99** Génese do processo criativo e condição social do escultor na sociedade romana  
**Luís Jorge Gonçalves**
- 107** Os novos desafios do Fim da História  
**Ricardo da Costa**
- 117** NORMAS DE PUBLICAÇÃO